

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade 2



Atena
Editora
Ano 2021

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade 2



Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memória, cultura e sociedade 2 / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-587-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.874211810>

1. Cultura. 2. Memória. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306.098

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O volume 2 da obra que coaduna as reflexões sobre *Memória, Cultura e Sociedade* traz uma contribuição significativa para repensarmos as lentes que culturalmente nos possibilitam ler o mundo e agir sobre ele a fim de transformá-lo. De caráter interdisciplinar, o livro congrega pesquisadores brasileiros e estrangeiros que discorreram sobre objetos de pesquisa tocantes os trabalhos da memória e suas teias culturais e sociais. Nesse sentido, esta obra traz reflexões sobre cotidiano, subjetividades e relações de poder entre sujeitos e memórias, afirmação de bens culturais como patrimônios, assim como seus usos e desusos entre permanências e reinvenções de tradições, além das relações de trabalho e turismo na contemporaneidade.

Pesquisas variadas e de temáticas abrangentes, como aspectos histórico-sociais do Brasil da segunda metade do século XIX e da primeira metade do XX, ou mesmo temas com recortes nas práticas culturais da atualidade, a exemplo das festas e quadrilhas juninas, formam um mosaico importante que revela a densidade e fecundidade da tríade que intitula esta obra.

As reflexões sobre cotidiano e arte, mediante as operações das fotografias, e as presenças do corpo e dos gestos nas danças demonstram tessituras da memória afetiva e seus laços de pertencimento cultural e social. Com a mesma relevância, os saberes e as práticas culturais dos quilombos nos faz lembrar a força vital que brota da terra, a importância de escutar os mais velhos e seguir seus ensinamentos, os entrelaçamentos do passado com o presente e as artes indissociáveis da vida na contemporaneidade com os saberes e as memórias ancestrais.

Se o universo onírico da infância aparece nas imagens fotográficas, as tensões sobre infância e violência também foram aprofundadas, descortinando uma pertinente relação entre violência sexual e os quadros sociais da memória. Tal como cultura e memória, a violência também é uma faceta da nossa sociedade. Enfrentar as diferentes formas de violência, nesse caso contra crianças e adolescentes, é uma tarefa indispensável do nosso tempo.

Por fim, uma análise sobre a relação e os impactos entre trabalho e estresse laboral arremata esta obra que desejamos seja leitura prazerosa e mobilizadora.

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HISTÓRIA SOCIAL DO BRASIL NO PERÍODO DE 1890 ATÉ 1930: CONDIÇÕES HISTÓRICO-SOCIOLÓGICAS QUE IRROMPERAM O MOVIMENTO ANISIANO

Rachel Aguiar Estevam do Carmo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118101>

CAPÍTULO 2..... 16

ÍNDIA, SANGUE TUPI: QUERELAS ENTRE BRASIS

Davi Ebenezer Ribeiro da Costa Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118102>

CAPÍTULO 3..... 29

OS SABERES E PRÁTICAS DE AUTOATENÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LARANJAL – MATO GROSSO

Gilian Evaristo França Silva

Nayara Marcellly Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118103>

CAPÍTULO 4..... 38

QUADRILHAS JUNINAS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA MANTER A TRADIÇÃO

Jorginaldo Calazans dos Santos

Flaviano Oliveira Fonsêca

Tháís Danielle de Oliveira Nunes

Marília Gabriela Santos de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118104>

CAPÍTULO 5..... 46

CORPO E GESTUALIDADE NA APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA JUNINA “MEU SERTÃO”– 2019

Wolney Nascimento Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118105>

CAPÍTULO 6..... 58

A NOVA FUNÇÃO E USO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO: O CASO DO NOVO USO DE PATRIMÔNIOS RELIGIOSOS

Luiz Fernando de Souza

Krysla Rodrigues Santos

Douglas Alvarenga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118106>

CAPÍTULO 7..... 70

RETRATOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE A PATIR DA SÉRIE FOTOGRÁFICA DE ALESSANDRA SANGUINETTI

Viviane Baschiroto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118107>

CAPÍTULO 8..... 84

MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A REVELAÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL
INTRAFAMILIAR: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

Isabela Alves Mattos

Elton Moreira Quadros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118108>

CAPÍTULO 9..... 95

ESTRÉS LABORAL Y RENDIMIENTO LABORAL DE LOS TRABAJADORES EN
ENTIDADES FINANCIERAS

Edy Larico Mamani

Demetrio Flavio Machaca Huancollo

Leopoldo Wenceslao Condori Cari

Robbins Flores Aguilar

Kelly Apaza Apaza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118109>

SOBRE OS ORGANIZADORES 110

ÍNDICE REMISSIVO..... 111

CAPÍTULO 5

CORPO E GESTUALIDADE NA APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA JUNINA “MEU SERTÃO” – 2019

Data de aceite: 01/10/2021

Wolney Nascimento Santos

Doutorando em Educação – PPGED - Universidade Federal de Sergipe–UFS. Mestre em Cinema e Narrativas Sociais – UFS (2018).

Membro do Grupo de Estudos em Corpo e Política–UFS. Professor Arte-educador da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura – SEDUC I SE
<http://lattes.cnpq.br/4930939705953130>

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de fazer um sucinto sobrevoo acerca das experiências que vivi na condição de membro da comissão julgadora do Concurso de Quadrilhas Juninas “Seu Menino” – Sesc Sergipe e na condição presidente da Comissão Julgadora do 1º Festival de Quadrilhas Juninas da Associação de Pessoal da Caixa Econômica Federal–APCEF/SE, ambas no ano de 2019. Partirei das anotações realizadas durante as apresentações das quadrilhas, em particular, da apresentação da Quadrilha Junina “Meu Sertão”, da cidade de Riachuelo/SE, com o tema *Feitos na roça: uma história de amor, fé e tradição*, considerando o recorte de leituras de autores com ideias que colaboram para sedimentar a identidade do povo. Estão relacionadas práticas cotidianas culturais que invariavelmente estão ligadas ao passado histórico.

PALAVRAS-CHAVE: corpo e identidade;

Quadrilha Junina Meu Sertão; ciclo junino.

CUERPO Y GESTUALIDAD EN LA PRESENTACIÓN DA CUADRILLA JUNINA “MEU SERTÃO” – 2019

RESUMEN: Este trabajo tiene el objetivo de hacer un sucinto sobrevuelo sobre las experiencias que viví en la condición de miembro del tribunal del Concurso de Cuadrillas Juninas “Seu Menino” – Sesc Sergipe y en la condición presidente de la Comisión Juzgadora del primer Festival de Cuadrillas Juninas de la Asociación de Personal de la *Caixa Econômica Federal* – APCEF/SE, ambas en el año de 2019. Empezaré desde los apuntes realizados durante las presentaciones de las cuadrillas, en particular, de la presentación de la Cuadrilla Junina “*Meu Sertão*”, de la ciudad de Riachuelo/SE, con el tema hechos en el interior: una historia de amor, fe y traición, considerando el recorte de lecturas de autores con ideas que colaboran para sedimentar la identidad del pueblo. Están relacionadas prácticas cotidianas culturales que invariablemente están ligadas al pasado histórico.

PALABRAS CLAVES: cuerpo e identidad; Cuadrilla Junina *Meu Sertão*; ciclo junino.

1 | INTRODUÇÃO

A propósito de minha participação em dois concursos de quadrilhas juninas no ano de 2019, no primeiro como membro da comissão julgadora, dia 11 de junho, do Concurso de Quadrilhas

Juninas “Seu Menino” – Sesc Sergipe, que aconteceu no período de 10 a 13 de junho, e no segundo como presidente da Comissão Julgadora do 1º Festival de Quadrilhas Juninas da Associação de Pessoal da Caixa Econômica Federal – APCEF/SE, nos dias 5, 6 e 7 de julho. Já participei da discussão sobre o tema, a exemplo, do Seminário Palco Giratório – 20 anos, em 2017. Entre as temáticas desse seminário, constava *Dimensões Rituais, Estéticas e Lúdicas na Dança do Ciclo Junino*. Debateram André Camilo (SE), professora Dr.^a Eufrazia Cristina Menezes (SE) e Mário Léo (SE), com a mediação de Genário Dumas (AP), que, de certa forma, aguçou a minha percepção sobre as atividades culturais do ciclo junino.

Com essa experiência, encantado pela fruição estética, interessei-me a escrever sobre o que vivi e sobre o que venho lendo, sobretudo, em relação às questões que permeiam minha formação de professor arte-educador em convergências das perspectivas relacionadas aos campos de pesquisa referentes às seguintes matérias: antropologia, educação, cinema, corpo negro e cotidiano.

Partirei de um sucinto sobrevoo sobre as referidas apresentações, em particular, foco na apresentação da Quadrilha Junina “Meu Sertão”, da cidade de Riachuelo/SE, como tema ***Feitos na roça: uma história de amor, fé e tradição***. Em paralelo, faço apontamentos da leitura da obra *A invenção das tradições*, de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, 9ª edição brasileira, 2014 e discuto as categorias de análise “costume” e “tradição inventada”. Em nosso entendimento, o “costume” é o que sedimenta a identidade do povo por meio da relação e de práticas cotidianas culturais que invariavelmente estão ligadas ao passado histórico. Sobre isso dizem:

O ‘costume’ não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais. O direito comum ou consuetudinário ainda exhibe esta combinação de flexibilidade implícita e comprometimento formal com o passado. (HOBSBAWM, RANGER, 2014, p. 9)

Já as “tradições inventadas” estão associadas ao aprimoramento e à aplicação de tecnologias e suplementares ao “costume”, que de certa forma referenda, num primeiro reflexo do espelho d’água, aspectos inusitados e coisificados da indústria cultural que são gerados pela espetacularização ideológica dos temas apresentados pelas quadrilhas juninas que geralmente e anacronicamente buscam convergências com o caráter simbólico e artístico-cultural do próprio espaço e território ao qual está inserida determinada tradição. Sobre a “tradição inventada”, pontuam:

[...] entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se de estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, RANGER, 2014, p. 8)

Nesse aspecto, é comum, nos concursos, vermos quadrilhas juninas que criam temas exóticos, o enredo é apresentado com elementos cênicos: adereços, carros alegóricos

e formas pirotécnicas. Isso dá o tom dos novos tempos no que se refere à produção de espetáculos envolvendo quadrilhas juninas. Sobre os temas, inferimos que inspiram os dirigentes e participantes das quadrilhas e determinam as estratégias que impreterivelmente originam toda a *mise-en-scène* das apresentações.

Este trabalho tem caráter preliminar e foca o interesse de compreender e descortinar impressões sobre o *corpo e o gestual coreográfico na apresentação da Quadrilha Junina “Meu Sertão”*. Também tece comentários sobre aspectos que são evidentes quanto à introdução de elementos visuais, composição cênica e coreográfica. Podemos classificá-los como “tradições inventadas” que pouco tem de referência no que diz respeito ao passado do ritual do ciclo junino.

Para alcançarmos os objetivos, dividimos o trabalho em três momentos. O primeiro: a introdução, que indica como nos direcionamos diante do tema proposto: *corpo e o gestual coreográfico na apresentação da Quadrilha Junina “Meu Sertão”*. Também discutimos como o “costume” e a introdução de elementos contemporâneos na apresentação da quadrilha, seja na música, nos ritmos e na coreografia, como também nos elementos cênicos que derivam conceito categórico: - os autores Eric Hobsbawm e Terence Ranger falam de uma “tradição inventada”. No segundo momento, fizemos um percurso contextualizando delineando como estão organizadas as quadrilhas Juninas e o que elas representam nos territórios nos quais estão inseridas? Com isso, pensamos as quadrilhas juninas como agremiações aglutinadoras de pessoas e que, por meio da sociabilidade entre seus membros, criam estratégias de ação e de prospecção nos diversos eventos dos festejos juninos. No terceiro momento, abordamos o tema **Feitos na roça: uma história de amor, fé e tradição**, da Quadrilha Junina “Meu Sertão”, da cidade de Riachuelo/SE. Examinamos como a quadrilha representou o amor e o trabalho relacionados ao plantio e à colheita por intermédio da utilização de uma coreografia que priorizou o corpo e resgatou o gestual dos corpos no ritual da respectiva apresentação integrante dos folguedos do ciclo junino. Nessa configuração, o tema foi apresentado sem problemas, houve uma revisitação a um passado muito mais presente na memória coletiva dos membros da quadrilha junina que dançam. Também se verificou uma sintonia com as relações simbólicas do território. Por último, pontuamos que o tema fecunda diversas possibilidades no campo epistemológico.

2 | A QUADRILHA JUNINA

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes). (BOURDIEU, 2007, p. 10)

A quadrilha é uma dança palaciana que teve sua origem na Europa no século XIX. Nos grandes salões da monarquia, era comum ser dançada para as comemorações dos imperadores e da aristocracia. Dançada com pares de damas e cavalheiros postos frente a

frente. A execução da apresentação era privilegiada pela presença de um “marcante”, que a comandava em cinco partes. A chegada da quadrilha ao Brasil aconteceu com vinda da corte Portuguesa em 1808. Logo a quadrilha se popularizou nos salões cariocas e em outras regiões do país (ARAÚJO, 2015).

Com a proclamação da república, novos valores artísticos foram introduzidos, e a quadrilha também passou a ser dançada e assimilada pelas camadas mais populares de zonas rurais do país. Percebe-se que a estrutura é ressignificada com introdução de “novos elementos”, os quais eram permeados por uma visão “estereotipada” nas vestimentas e na representação corpórea do caipira que remetia uma ação jocosa (BARROSO, 2013; ARAÚJO, 2015).

Pois bem, atualmente, a quadrilha junina no Brasil é uma legítima instituição.

As agremiações nascem das camadas populares com objetivo de promover o costume e a tradição do ciclo junino por meio das apresentações.

É importante pontuar que as quadrilhas juninas estão sujeitas a transformações, a adaptações e a reinvenções da superestrutura. Nessa perspectiva, “embora se procure ser fiel à ‘tradição’, ao ‘passado’, é impossível deixar de agregar novos significados e conotações ao que se tenta reconstruir” (ARANTES, 2006, p. 19). Em relação a essa análise, entre os pesquisadores do tema, Barroso (2013) nos chama a atenção sobre a busca excessiva, sobre uma “possível essência” e originalidade das “tradições inventadas” a fim de que não se percam e não estacionem nas transformações assimiladas pelas quadrilhas juninas. Não esqueçamos de desvendar as razões que as programam e que as submetem.

As quadrilhas juninas estão sempre numa disputa, numa busca pelo tema inusitado; e algumas se distanciam da essência.

O poder simbólico das quadrilhas em relação a seus participantes e à comunidade a qual representa justifica o trabalho e o empenho durante os meses que antecedem o período do ciclo junino. Com isso, “os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social” (BOURDIEU, 2007, p. 10).

A quadrilha junina aglutina diversas identidades que são endereçadas por seus participantes – os que dançam e os que integram as atividades operacionais técnicas. Essas identidades estão motivadas a participar das festas do ciclo junino, em especial, dos concursos que existem no estado de Sergipe e em outros estados¹. As quadrilhas juninas arregimentam fãs e torcedores, e são comuns nos locais onde se apresentam acompanhadas por caravanas, que prestigiam. Não muito distante no tempo, as quadrilhas juninas já se configuravam grupos que proporcionavam, nos espaços de

1 Levanta Poeira 2019 – “tradicional concurso de quadrilhas juninas realizado pela TV Sergipe. A agremiação vencedora representará o estado de Sergipe no Festival de Quadrilhas Juninas da Globo Nordeste”, na cidade de Goiana/PE. <http://www.clicksergipe.com.br/entretenimento/3/52452/vem-ai,-o-levanta-poeira-2019.html> Consultado em 15 set. 2019.

atuação, sociabilidade entre pessoas de várias idades. O saber, as derivações dos ritmos e a forma expressiva do dançar junino se tem perpetuado nas gerações, atestando que há uma pedagogia da dança junina, que se faz a cada ensaio e a cada apresentação². Verifica-se que a organização de uma quadrilha junina envolve vários membros de uma só família e/ou até várias famílias na mesma agremiação.

A quadrilha junina, além de estar associada à prática do fazer das tradições culturais do ciclo do mês de junho, com o canto e da dança, louva a tríade dos santos: *Santo Antônio, São João e São Pedro*. Também está ligada às relações do homem com a terra, o que envolve o plantio e a colheita: tradição que se inicia no dia 19 do mês de março, quando se plantam as sementes do feijão e do milho em homenagem a *São José*. Nesse dia, os(as) devotos(as) do santo acendem fogueiras e, entorno delas, comemoram bebendo, comendo, fazendo pedidos e orando, sempre na perspectiva de alcançar a graça – a boa colheita nos dias que antecedem as festas em homenagem aos santos juninos.

3 | CORPO E GESTUALIDADE NA APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA JUNINA “MEU SERTÃO” – 2019

Oriunda da cidade de Riachuelo/SE³, a quadrilha junina “Meu Sertão”, nos últimos três anos (2017 a 2019), venceu os principais concursos de quadrilha junina no estado de Sergipe. Atualmente, chama a atenção sobre a forma como produz, desenvolve e apresenta os temas, porque a quadrilha realiza um trabalho de corpo e gestual coreográfico diferenciado. O tema apresentado no ano de 2019, ***Feitos na roça: uma história de amor, fé e tradição***, expressa uma história simples, digna dos livretos de romance e de histórias orais sobre o amor incondicional e eterno entre um casal. Como base em princípios narrativos, tem-se um prólogo, em seguida, três pequenos atos:

Um casal, ainda criança, se encontra na porta da igreja de sua cidade. Aos pés do altar da padroeira, eles fazem uma jura, trato de amor. O menino (Zé), antes de ir embora, pega um terço no altar da padroeira e o dar à menina (Zefa). Diz que ela o espere. Ela o cumprimenta com um abraço e diz que vai esperá-lo (sai).

I

(entra)

Um coro composto por mulheres e canta um canto em homenagem a Nossa Senhora.

II

(entra)

² Anotações durante a mesa *Dimensões Rituais, Estéticas e Lúdicas na Dança do Ciclo Junino*-Seminário Palco Giratório –20 anos, em 2017.

³ O município de Riachuelo/SE possui uma população estimada em (2019) 10.213 habitantes. Seu Índice de Desenvolvimento Humano –IDH(2010) é 0,617. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/riachuelo/panorama>–consultado em 08 set. 2019.

Anos depois, o menino retorna, agora, já um homem (Zé); e ela, uma mulher (Zefa). Um grupo de homens com chapéus de palha na mão saúdam o público cantando a música *Noites Brasileiras* (de Luiz Gonzaga e Zé Dantas):

*Ai que saudades que eu sinto
Das noites de São João
Das noites tão brasileiras na fogueira
Sob o luar do sertão*

*Meninos brincando de roda
Velhos soltando balão
Moços em volta à fogueira
Brincando com o coração
Eita, São João dos meus sonhos
Eita, saudoso sertão*

No mesmo local, aos pés do altar da padroeira, eles se encontram e se beijam e se devolve o terço à imagem da Santa. Zé e Zefa vão-se casar.

Nesse mesmo espaço de tempo, toda a cidade está em festa para saudar a colheita e os santos dos festejos juninos.

(entram)

Rei e Rainha do milho.

III

A cerimônia do casamento de Zé e Zefa se junta à quermesse da igreja e às brincadeiras populares: pau de sebo, quebra-pote, pescaria e outras.

(entra)

Num carro de boi, o bando do cangaço chega à cidade para participar do casamento. Durante a cerimônia, o bando dança o xote e o xaxado.



Figuras 1 - Quadrilha Junina Meu Sertão

Acervo: APCEF/SE



Figuras 2, 3, 4 e 5 - Quadrilha Junina Meu Sertão

Acervo: APCEF/SE

Como o objetivo de conhecer e entender como os (as) jovens participantes da quadrilha junina “Meu Sertão” conceberam o gestual do corpo na execução coreográfica do tema, fomos pesquisar a história da cidade para saber se há conexão entre a forma e a ginga corpórea atual de se dançar com a essência de um passado representado nas manifestações culturais da cidade. Em *RIACHUELO: Dança e Folguedos Folclóricos* (1984)⁴, fala dos aspectos que compõe a formação do município de Riachuelo e suas manifestações culturais em especial as do ciclo junino com os batalhões: “Coração do Amor” e “Ferro Velho”; o grupo instrumental Zabumba e os grupos folclóricos extintos (SERGIPE, 1984). Também no livro *Riachuelo passado de riquezas* (2012), Antonio Martins Bezerra⁵ pontua:

4 Tendo o fato folclórico como elemento dinamizador e característico do fazer do povo, assim como na perspectiva de contribuir para preservação, pesquisas e estudos das mais diversas manifestações culturais do homem sergipano, a Secretaria de Estado da Educação e Cultura, através do Setor de Pesquisa Folclórica da Subsecretaria de Cultura e Arte, no ano de 1984 lançou a coleção CADERNOS DE CULTURA POPULAR. Entre os cadernos destacamos o número 07 – *RIACHUELO: Danças e Folguedos Folclóricos* que teve a Coordenação Geral de José Valfran de Brito; Coordenação Executiva de Mariano Antonio Ferreira; Auxiliares de Pesquisa: Edson Pereira de Andrade e Astênia Góis Santos; Documentação Visual de Marcel Bertram Nauer; Revisão de Fernando Petrônio Ferreira de Matos; Revisão Gramatical de Acássia Araújo Barreto; Datilografia de Genilda Mendes de Farias.

5 O município, em sua origem, era um povoado com o nome “Os Pintos”, em homenagem ao sobrenome da família do português Mesquita Pinto, proprietário do engenho de açúcar. Depois, passou a se chamar de freguesia e, logo depois, foi elevada à categoria de vila de “Nossa Senhora da Conceição de Riachuelo”. Em 1890, como Decreto Estadual de nº 10, de 25 de janeiro, elevou-se à condição de cidade com o nome de Riachuelo. Sobre o nome, há duas versões. A primeira diz que, por conta de o povoado estar localizado próximo aos rios: Sergipe, Cotinguiba e Jacarecica, poderia chamar-se de Pequeno Riacho (Riachuelo); a outra, mais aceita, sinaliza para a homenagem ao Almirante Barroso, pelo feito na Guerra do Paraguai, na chamada Batalha Naval do Riachuelo em 11 de junho de 1865 (BEZERRA, 2012).

Nos períodos juninos, além das quadrilhas juninas organizadas por Dona Salvelina Moura, tendo como principal marcador o senhor Paulo do Central, a marca registrada de expressão cultural tem a ver com os famosos batalhões, regidos por batucadas, danças, cantos e versos, arrastando pelas ruas da cidade os seus admiradores. (BEZERRA, 2012, p. 32).

Nesse fragmento de texto de Antonio M. Bezerra, percebemos como as manifestações religiosas e culturais continuam presentes na vida dos moradores da cidade de Riachuelo. Também buscamos compreender como o corpo e seu gestual atua dentro da *mise-en-scène* da apresentação da quadrilha junina “Meu Sertão”. Ou seja, percebemos que, durante a apresentação, os corpos dos participantes/brincantes permanecem sempre na posição de expressão alongada. Mesmo quando a coreografia utiliza o plano baixo, médio e alto, o corpo está sempre acionado, pronto para uma ação futura. Outro detalhe é a expressão facial de cada participante: há completa sinergia com o público. Invariavelmente, os olhares não fogem do olho de quem os vê. O componente dança, e o seu olhar não se desvencilha do olhar do espectador. Destacamos o momento em que o bando do cangaço entra na cidade e encontra a festa do casamento. Esse momento da apresentação é muito especial: o xaxado é dançado por um casal caracterizado de Lampião e Maria Bonita, os dois acompanhados de homens e de mulheres. Toda dança-teatro ocorre com os integrantes olhando em direção à comissão julgadora do concurso. Maria Bonita traz dois punhais à mão; e Lampião porta um rifle, tipo (papo amarelo). Essas armas estão sempre apontadas a quem se dirige à dança. No final, todos gritam xaxado! Esse momento é considerado áureo (ápice coreográfico da apresentação) e também bastante esperado em relação à análise da comissão julgadora do concurso.

Certamente, há um trabalho coreográfico e de corpo que desvincula os estereótipos e os vícios da ação corpórea. O que vemos são corpos autônomos numa dança-teatro comprometida em contar uma história. Mais que isso, a história está sendo vivida intensamente pelos participantes.





Figuras 6, 7, 8 e 9 - Quadrilha Junina Meu Sertão

Acervo: APCEF/SE

De Riachuelo, Antonio M. Bezerra cita alguns grupos folclóricos que eram ativos nas décadas de 50 e 60 do século passado e que foram extintos, entre eles, “o Cacumbi, grupo de manifestação coreográfica liderado por Antonio Amaro (BEZERRA, 2012). Inferimos que orientado pelos escritos de *RIACHUELO: Dança e Folguedos Folclóricos*, argumenta que os componentes do Cacumbi se apresentavam como “exímios artesãos da simetria gestual” (SERGIPE, 1984, p. 26). O pano de fundo do enredo do folguedo é homenagear os santos: São Benedito e Nossa Senhora do Rosário” (SERGIPE, 1984).

Nesse segundo fragmento, quando fala do Cacumbi, cita-os integrantes como “exímios artesãos da simetria gestual”. Com isso, entendemos que a quadrilha junina *Meu Sertão*, por meio dos corpos de seus participantes, expressa o poder simbólico, a essência da ancestralidade e o pertencimento ao espaço onde vivem.

É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que, em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é, a cada momento, capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve-se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 143).

A relação de pertencimento dos participantes da quadrilha junina “Meu Sertão” ao espaço – a cidade de Riachuelo – ativa os corpos com os movimentos coreográficos (passos), as pessoas executam inflexões. E elas estão cômicas em relação aos antecedentes (a essência do passado), isso é acionado pela memória.

Não obstante, as questões conceituar e/ou criar conceitos, os quais sempre estão em campos de disputa e de contestação, concluímos que corpo e identidade refletem a obra da quadrilha “Meu Sertão”: corpo, na perspectiva do resgate do movimento e do gestual referente às práticas da vida cotidiana do povo de Riachuelo, dissociado dos anacronismos e dos estereótipos modernos hoje frequentes nas quadrilhas juninas; e identidade, que representa sujeitos autônomos que pensam-fazem-vivem em um espaço, território, nos quais os participantes se reconhecem. A quadrilha junina “Meu Sertão” é uma

instituição que aciona os participantes a uma prática reflexiva e coletiva do fazer junino. É uma agremiação reconhecida por manter a identidade e as tradições da denominada região do Vale do Cotinguiba:

Necessitamos das identidades para nos afirmamos como sujeitos, para representarmos nossos gostos, para que possamos, ao mesmo tempo, ser reconhecidos e reconhecer os demais. Em um mundo no qual a visão se tornou um elemento preponderante, as identidades se tornaram uma oportunidade de colocar no palco nosso próprio 'show', nos 'apresentando' (transformando-nos e adaptando-nos) conforme a 'plateia'. (TAKAKI; BASSANI, 2016, p. 89).

A exemplo disso, citamos um dos momentos da apresentação da quadrilha, quando o jovem Zé volta à sua cidade: Riachuelo (mas pode ser qualquer cidade do interior nordestino) para encontrar seu amor Zefa e um grupo de homens com chapéus de palha na mão saúdam o público cantando a música *Noites Brasileiras* (de Luiz Gonzaga e Zé Dantas). Essa canção remete a Zé (que é representado tal qual uma pessoa de determinada classe social ou de determinada região do Nordeste) e seu retorno ao lugar em que nasceu, evidenciando as saudosas festas do ciclo junino “*sob o luar do sertão*”. Nesse contexto, os homens vestem roupas leves de colorido cromático, dançam e cantam num gestual que lembra o trabalho no plantio e cultivo da terra. O retorno de Zé ao seu lugar de origem é um divisor na viragem da história de amor dele e de Zefa, que é o encontro com seu território e lugar, onde faz desabrochar as significações do seu existir. “O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS, 2007, p. 13).

Voltemos à dança do Cacumbi. Essa dança exige do brincante movimentos flexíveis de corpo, numa “simetria gestual” que bem louva os padroeiros dos negros: São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Na quadrilha junina, as memórias dos participantes, a todo tempo, são ativadas para contar a louvação dos santos juninos e para contar a história de amor do casal Zé e Zefa.

Embora a história faça alusão a Nossa Senhora Aparecida, não esqueçamos que a primeira formação do território/povoado era uma freguesia, depois, vila que se chamava *Nossa Senhora da Conceição de Riachuelo*. Era comum que as atividades referentes à existência festiva do lugar fossem voltadas à igreja como local apropriado para acontecimentos: as apresentações acontecem à porta e no entorno, por exemplo, a quermesse. Essa atividade, quase sempre, está associada ao caráter religioso católico. Nesse contexto, em relação à apresentação, destacamos o andor móvel da Santa, que, alguns momentos, é movimentado no espaço cênico, dando à personagem Santa (representada por uma jovem negra de olhar fixo) a identificação afetiva religiosa do público. Também, outro ponto que dá o tom religioso é a história de amor entre Zé e Zefa, marcada pela promessa no altar e pela jura de amor, e ele volta ao lugar de origem para a redenção.

Findo este escrito na certeza de que me impressionei com a apresentação do tema **Feitos na roça: uma história de amor, fé e tradição** da quadrilha junina “Meu Sertão” da cidade de Riachuelo/SE e reconheci valores culturais, conforme o nosso relato. Outros aspectos não abordados aqui, certamente, serão em outros trabalhos, considerando que este tema das quadrilhas juninas e o seu ciclo motiva as mais distintas pesquisas. Para saudar a quem leu este até o fim, deixo o canto que é feito pelos participantes no momento final da apresentação:

Sou Meu Sertão
Bato no peito
Eu sou Meu Sertão
Com muito amor
Eu sou Meu Sertão
É a quadrilha, tem seu valor
Sou a gigante do interior.

Sou Meu Sertão!

Saudamos e agradecemos ao o espetáculo!

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ARAÚJO, Liana Matos. *Juventude e quadrilha junina: estilos de vida e sociabilidades no cenário do consumo cultural em Sergipe*. Dissertação de mestrado em Antropologia – Universidade Federal de Sergipe, 2015.

BARROSO, Hayeska Costa. *Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar: o ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas, no Ceará*. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade – Universidade Estadual do Ceará, 2013.

BEZERRA, Antonio Martins. *Riachuelo passado de riquezas*. Aracaju: Textoprnto e Gráfica, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HOBSBAWM, Eric J., RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990. Traduzido do original francês LA MÉMOIRE COLLECTIVE (2. ed.) – Presses Universitaires de France –Paris, França, 1968.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton; BECKER, K. Bertha (Orgs.). *Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC SERGIPE. *Dimensões Rituais, Estéticas e Lúdicas na*

Dança do Ciclo Junino. Seminário Palco Giratório – 20 anos, 2017.

SERGIPE, GOVERNO DO ESTADO. *Riachuelo: Danças e Folgedos Folclóricos*. Aracaju, SE: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 58p. (Coleção Cadernos de Cultura Popular: 1, n. 7, out. 1984).

TAKAKI, Natalia; BASSANI, Jaison José. Corpo e Identidade: dialogando com Zygmunt Bauman e Michel Maffesoli. In: ZOBOLI, Fabio; SILVA, Renato Izidoro; BORDAS, Miguel Angel Garcia. *Corpo e governabilidade*. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.

VIDEOS PESQUISADOS

MEU SERTÃO 2019– SESC SE – Concurso de Quadrilha Seu Menino – Sesc Sergipe. Agência Comércio de Notícias– <https://www.youtube.com/watch?v=PvYF3fOcRv8>. Consultado em 08 set. 2019.

TV ATALAIA: QUADRILHA JUNINA “MEU SERTÃO” – Imagens Imprensa 1. <https://www.youtube.com/watch?v=yzJNGdnGino>. Consultado em 08 set. 2019.

CLIK SERGIPE <http://www.clicksergipe.com.br/entretenimento/3/52452/vem-ai,-o-levanta-poeira-2019.html>. Consultado em 15 set. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 6, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Alessandra Sanguinetti 5, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

Ambiente de trabalho 96

Autoatenção 5, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 37

C

Ciclo junino 41, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 55, 57

Condições de trabalho 96

Conservação 58, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 85

Corpo 4, 5, 25, 26, 33, 34, 35, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 93

Criança 35, 50, 72, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

Cultura 2, 4, 17, 22, 23, 27, 31, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 48, 52, 56, 57, 60, 61, 62, 64, 98, 108

E

Ensino superior 1, 2, 8, 9, 10, 11, 13, 15

Exigências do trabalho 96

F

Fotografia 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 82

H

Hegemonia burguesa 1

I

Identidade 1, 2, 14, 18, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 44, 46, 47, 54, 55, 57, 58, 59, 67, 68, 77

Infância 4, 5, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 82, 89, 91, 92, 93, 94

L

Lady Clementina Hawarden 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83

M

Mato Grosso 5, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36

Memória 2, 4, 6, 16, 17, 20, 22, 23, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 48, 54, 56, 58, 60, 64, 65, 66, 69, 78, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 110

Modernidade líquida 16, 17, 19, 20, 25, 26, 27

Música 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 41, 48, 51, 55

N

Nova função 5, 58

Novo uso 5, 58

O

Ordem social competitiva 1, 13

P

Padrão compósito 1

Patrimônio 5, 40, 41, 44, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 110

Política oligárquica 1, 8, 13

Práticas 4, 5, 17, 18, 19, 23, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 39, 41, 46, 47, 54

Q

Quadrilha junina meu sertão 46, 51, 52, 54

Quadrilhas juninas 4, 5, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 54, 56

Quilombo de Laranjal 29

R

Responsabilidade 96

Roni Horn 70, 77, 78, 79, 80, 82

S

Saberes 4, 5, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37

Sobrecarga de trabalho 96

T

Tradição 5, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 34, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 56

Turismo 4, 38, 42, 44, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 110

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade 2



 **Atena**
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade 2



 **Atena**
Editora

Ano 2021